

# O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



# O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Maristela Carneiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2361903129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>118</b>
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>174</b>
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031216</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
Romero de Albuquerque Maranhão	
Norberto Stori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
Francivaldo Alves Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
Marcelo Marcon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>211</b>
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
Denise Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>227</b>
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
Jarbas de Mesquita Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>237</b>
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
Jéfferson Luiz da Silva Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>248</b>
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
Denis Wan-Dick Corbi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>260</b>
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
Lívian Mota Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031224</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>271</b>
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
<a href="#">Marlene Ricardi de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>279</b>
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
<a href="#">Nila Michele Bastos Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>293</b>
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
<a href="#">Valter Luiz de Macedo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>305</b>
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISILOGIA MODERNA	
<a href="#">Jarbas de Mesquita Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>317</b>
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
<a href="#">Paula Afonso de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>330</b>
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
<a href="#">Valeria Portugal</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031230</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>336</b>
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
<a href="#">Nicole Naomi Handa Nomura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031231</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>341</b>
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
<a href="#">Mônica Chiffolleau</a>	
<a href="#">Juliana Dias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031232</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>348</b>
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
<a href="#">Nelson de Jesus Teixeira Júnior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031233</b>	

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>356</b>
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
<a href="#">Juliana Cristina Ribeiro da Silva</a> <a href="#">Sabrina Sales Araújo</a> <a href="#">Patrícia Helena Mirandola Garcia</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031234</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>368</b>
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
<a href="#">Vera Maria Ferreira Rodrigues</a> <a href="#">Regina Maria Macedo Costa Dantas</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031235</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>374</b>
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
<a href="#">Valessa Leal Lessa de Sá Pinto</a> <a href="#">Angelo Santos Siqueira</a> <a href="#">Abel Rodolfo Garcia Lozano</a> <a href="#">Sérgio Ricardo Pereira de Mattos</a> <a href="#">Jhoab Pessoa de Negreiros</a> <a href="#">Tereza Luzia de Mello Canalli</a> <a href="#">Geovane André Teles de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031236</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>385</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>386</b>

## A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ

**Editon Mioshi Arakawa Barretto**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
Faculdade Ciências Sociais, Departamento de  
História, São Paulo – São Paulo

THE QUESTION OF MEMORY FROM DAILY  
INTERVENTIONS

THE MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O  
PÁTIO DA CRUZ

**RESUMO:** O Monumento às Bandeiras e o Pátio da Cruz, do prédio Cardeal Mota da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), são dois de muitos patrimônios da cidade de São Paulo. Patrimônios estes, que são guardadas memórias de um passado distante, e que nos dias atuais, com o advento de diversas intervenções e apropriações, estas memórias nem sempre são lembradas e não percorrem mais fortemente no imaginário popular. O objetivo da pesquisa é primeiramente historicizar tais patrimônios, contar a história de criação de cada um e com qual intuito foram construídos. Partindo disto, discutir como são enxergados nos dias atuais e qual a significação que permanece presente. Estes dois patrimônios sofrem intervenções dia-a-dia por estarem presente na vida cotidiana da população e destas intervenções, é observado que ocorre uma mudança de significado.

**PALAVRAS CHAVE:** Patrimônio. Monumento às Bandeiras. Pátio da Cruz. Intervenção. Memória.

**ABSTRACT:** The Monumento às Bandeiras and the Pátio da Cruz, of the Cardinal Mota building of the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), are two of many heritage sites in the city of São Paulo. These heritages, which are stored memories of a distant past, and that in the present day, with the advent of various interventions and appropriations, these memories are not always remembered and do not travel more strongly in the popular imagination. The aim of the research is to historicize these heritages, to tell a story of creation of each one and for what purpose they were built. From this, discuss how they are seen today and what significance remains. These two heritage sites undergo daily interventions because they are present in the daily life of the population, and at these temperatures, are observed when a change of meaning occurs.

**KEYWORDS:** Heritage sites. Monumento às Bandeiras. Pátio da Cruz. Intervention. Memory.

## 1 | INTRODUÇÃO

Observamos que na construção do Monumento às Bandeiras havia um desejo de resgatar a memória dos bandeirantes, cravar em pedras essa história para permanecer na eternidade e enaltecer os seus grandes feitos para o Brasil. Vale questionar se esse discurso permanece até os dias de hoje.

Da mesma forma, o Pátio da Cruz, localizado no prédio que hoje sede a PUC-SP foi no passado o Mosteiro de Santa Tereza. Erguido em meados de 1922, foi encomendado para a Ordem das Carmelitas Descalças. O prédio mais tarde foi doado para a igreja, no qual já havia um projeto de se construir uma universidade católica e no ano de 1946 foi inaugurada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Depois que o mosteiro se tornou uma universidade, o prédio começa a mudar de significado, não mais o religioso e sim o acadêmico.

## 2 | A CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO ÀS BANDEIRAS

O Monumento às Bandeiras foi criado por Victor Brecheret (1894-1955), um escultor de origem italiana ligado ao movimento modernista de São Paulo. Com seus 12 metros de altura e 15 metros de largura, o monumento foi inaugurado no IV Centenário da cidade de São Paulo em 25 de janeiro de 1954 em uma das entradas do Parque do Ibirapuera. O projeto de se construir um monumento em homenagem ao bandeirantismo já vinha desde o Centenário da Independência em 1922 e uma maquete do projeto foi até exposta, mas causou estranhamento nas pessoas que visitaram a exposição por apresentar conceitos que eram pouco conhecidos no Brasil e por apresentar os bandeirantes anônimos e nus. Em um primeiro momento, tanto o governo, quanto a iniciativa privada não apoiaram o projeto, o que impediu a sua construção.

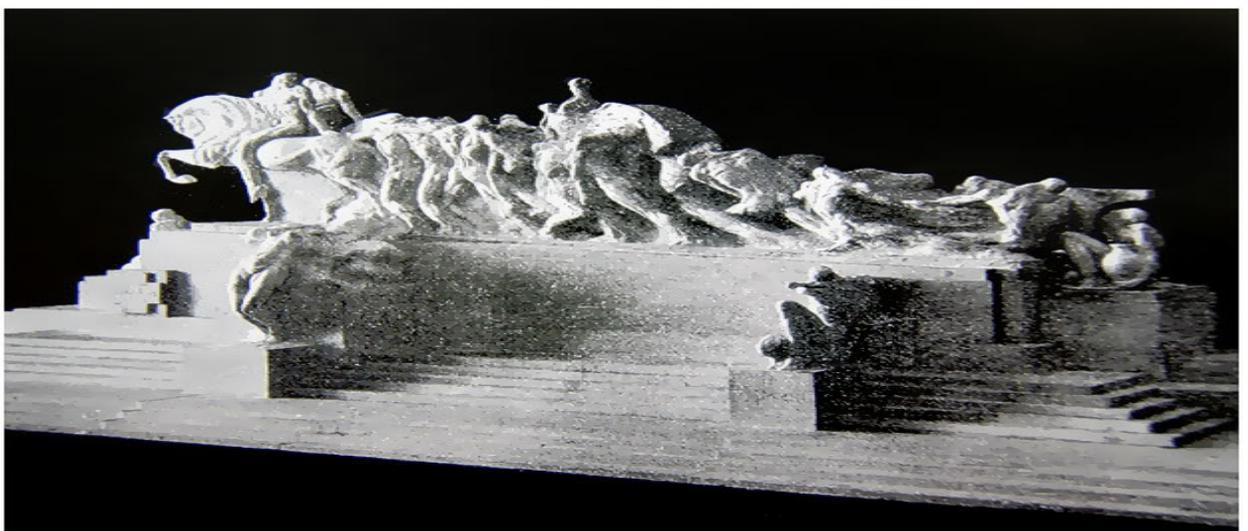


Figura 1 – Primeira maquete do Monumento às Bandeiras, 1920.

Fonte: Portal São Paulo City, 2016

Foi somente no final da década de 1930, que Brecheret recebeu um sinal positivo do governo de São Paulo para a construção do monumento. Neste período o bandeirantismo vinha ganhando forças não só entre a elite, mas também no ideário popular, principalmente após a Revolução Constitucionalista de 1932 (uma revolução dos paulistas contra o Governo Provisório de Getúlio Vargas).

“Naquele contexto, em que a cidade experimentava um desenvolvimento econômico expressivo e transformações urbanas, o bandeirante foi celebrado como personagem chave do imaginário regional apto a reforçar as velhas tradições” (MOURA, I. B., 2011, p.78).

O processo de construção do monumento foi lento por conta de questões políticas, sobretudo, a partir de 1937, onde ocorreu um golpe de estado e Getúlio Vargas instaurou uma ditadura chamada Estado Novo. Neste período o presidente Vargas desestimulava qualquer tipo de manifestação de cunho regional porque era necessária uma unificação da nação. Erguer uma imagem dos bandeirantes não era uma das propostas do governo para ressaltar a unidade nacional.

Somente depois de 1945 com o fim do governo de Vargas, a construção do Monumento às Bandeiras é retomada com força total e finalmente inaugurada em 1954. Desde a apresentação da primeira maquete até a sua construção, o monumento levou 33 anos para ser concluído. O local onde foi construído foi escolhido cuidadosamente pelo político Armando Salles que intencionalmente posicionou de modo a relacioná-la com o Ibirapuera que é uma palavra indígena. Ocupando um amplo espaço em uma rotatória na entrada do parque, o monumento está distante de qualquer edifício que atrapalhe a sua visão, podendo ser vista por pedestres e motoristas de qualquer ângulo. Esta marcha esculpida em pedra simboliza a formação do território brasileiro, a partir dos diversos caminhos que foram desbravados pelos bandeirantes e de lugares onde partiram as expedições para percorrer o sertão.



Figura 2 – O Monumento às Bandeiras em 1954, ano de sua inauguração.

Fonte: Portal São Paulo City, 2016

### 3 | A CONSTRUÇÃO DO BANDEIRANTE

A construção da imagem do bandeirante foi de grande importância para a edificação do monumento. Muito provavelmente Brecheret não teria se empenhado a construir o Monumento às Bandeiras se não houvesse um resgate da memória das bandeiras. Como é sabido, todo monumento tem um intuito para sua construção. Desde as cidades europeias, os monumentos urbanos prestavam-se à conservação da memória de uma figura de grande importância como de um guerreiro, um monarca ou um rei. São criações marcadas socialmente e historicamente, testemunhas de uma época. As memórias ficam gravadas em pedras e permanecem como marcos simbólicos que percorrem no imaginário da população. No Brasil não é diferente. Durante a Primeira República, os conjuntos arquitetônicos integraram instrumentos de constituição de consciência nacional, cívica e cidadã, sobretudo na capital nacional que era o Rio de Janeiro.

Já em São Paulo, foram sendo reconstruídos os feitos bandeirantes, enaltecidos pelo pioneirismo da configuração geográfica do país arrancada da Coroa Espanhola. Esta louvação dos feitos sertanistas correspondeu ainda ao enaltecimento à raça, síntese entre o gentio e o colonizador, que naturalmente excluía o negro africano. Este orgulho das bandeiras esteve de início restrito a um grupo de pesquisadores que trabalhavam nos velhos papéis da Câmara, da Cúria e do arquivo estadual. Algumas famílias cafeicultoras chegavam a desprezar os laços com os sertanistas, apegando-se aos antigos fazendeiros de açúcar para justificar seu sucesso. Foi com as atividades de genealogistas como Toledo Piza, Silva Leme e historiadores como Affonso de Taunay que foram, pouco a pouco, transformando os paulistas sertanejos, de um passado rústico e empobrecido, nos míticos, heroicos e bravos bandeirantes de que orgulhariam inicialmente os cafeicultores.

A década de 1920 foi um período mais afeito ao radicalismo bandeirante e ao ufanismo dos supostos “descendentes” das antigas famílias sertanistas. Um modernista chamado Cassiano Ricardo diz que a ideia de um governo forte nasceu da bandeira e a deia de disciplina consciente também. A classificação hierárquica dos valores individuais, sociais e étnicos dentro de uma democracia tipicamente brasileira está nas bandeiras. Desta leitura, Cassiano extrai do bandeirantismo todos os elementos, que, segundo ele, compõem o chamado “caráter nacional” e a originalidade da história brasileira: ausência de preconceito racial, bondade, propensão natural a se submeter a uma autoridade centralizada e exercida pessoalmente, necessidade de um Estado forte, ausência de luta de classes, etc.

Victor Brecheret, conhecedor desta reconstrução bandeirante, foi encomendado a criar uma obra que se tornasse símbolo a história bandeirante. O Monumento às Bandeiras reuniu duas condições especiais: a de celebrar algo importante no contexto das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, e de ser realizada por um artista que, apesar da permanência na Europa, não se desvinculou do Brasil,

terra que adotou como pátria. Brecheret representou poeticamente as jornadas pelos sertões e pelos rios e transformou o cotidiano dos bandeirantes paulistas em algo notável esteticamente. “Já não eram os próprios bandeirantes o motivo de orgulho, mas sim o *espírito das bandeiras* [...]” (MARINS, P. C. G., 1998, p.18).

#### 4 | O MOSTEIRO DE SANTA TEREZA E A FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE

A Pontifícia Universidade Católica São Paulo foi fundada em 1946, a partir da união da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento e da Faculdade Paulista de Direito. Anteriormente, o prédio era o Mosteiro de Santa Tereza, da ordem católica Carmelitas Descalças. Em 1913, duas madres Carmelitas do Rio de Janeiro foram encarregadas pelas autoridades eclesiásticas de formarem a Ordem das Carmelitas Descalças de Santa Tereza. Em novembro de 1920, um terreno foi comprado em Perdizes e a construção do mosteiro levou 2 anos, seguindo o projeto do engenheiro Alexandre Albuquerque, em estilo neocolonial.



Figura 3 – O Mosteiro de Santa Tereza, 1923

Fonte: Documentação do processo de tombamento da PUC-SP

Atendendo a tradição Carmelita, o prédio principal foi projetado com dois andares em torno de um pátio, hoje denominado “da Cruz”, que nucleava assim o claustro e as demais dependências. Segundo os ensinamentos da Santa Tereza,

havam de 13 a 21 freiras que poderiam ocupar o mosteiro e elas se encontravam-se reclusas, com uma vida marcada pelos preceitos e dogmas da Ordem. No primeiro semestre de 2017 diversos alunos do curso de história se envolveram com o projeto Museu da Cultura e realizaram uma exposição chamada *Das Carmelitas Descalças à Gênese de uma Universidade Democrática* no qual mostrou a história da PUC-SP durante o período do mosteiro, a criação da universidade e a criação do Teatro TUCA. Durante o levantamento de fontes foi nos oferecido gentilmente através da Carmelita irmã Ana algumas fotografias inéditas que ela possuía do mosteiro:



Figura 4 – Carmelita no Mosteiro de Santa Tereza

Fonte: Carmelita irmã Ana, 2017



Figura 5 – Carmelita Pátio da Cruz

Fonte: Carmelita irmã Ana, 2017

Destas fotografias, de aproximadamente da década de 1930, possibilitaram-nos enxergar os diversos usos de onde hoje funciona a universidade e as Carmelitas nos revelam diferentes aspectos de ordem sociológica, urbanística, estética e arquitetônica de uma época. Exemplo é o próprio Pátio da Cruz, que foi um local de oração e comunhão das irmãs.

“O objetivo de tal mostra fotográfica foi expor imagens inéditas (parte delas gentilmente cedidas pela Carmelita irmã Ana) para apresentar os diferentes usos do mesmo espaço arquitetônico em dois momentos distintos, o primeiro, entre 1923 a 1948, quando o prédio da PUC Monte Alegre era o convento de Santa Tereza, da ordem das Carmelitas Descalças; e no segundo, a partir de 1948, no qual o mesmo espaço se tornou sede da Pontifícia Universidade Católica, que teve na militância política e na prática pedagógica progressista sua principal característica.” (JESUS, C. G. N., 2018, p.16)

Em 1945, diante da perspectiva de fundação da Universidade Católica, foi autorizado a compra de um terreno no Jabaquara (região sul de São Paulo) para a construção de um novo mosteiro, pois, aonde era o Mosteiro de Santa Tereza, já se pretendia sediar a PUC-SP. As negociações entre as Carmelitas e o Arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, pelo espaço do convento já haviam de iniciado em 1943 e em abril de 1946, as irmãs capitulares votaram a doação do convento para a Universidade Católica e em troca receberam o terreno do Jabaquara onde elas permanecem até hoje.

No início do ano seguinte, em 1947, o Papa Pio XII concedeu à Universidade Católica o título de Pontifícia e nomeou como primeiro grão-chanceler da instituição o cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. A partir de 1949, modificações foram feitas no prédio para comportar os alunos, salas foram divididas para criar

novas salas de aulas e banheiros. Em 1994, foi dada entrada no processo de tombamento do prédio pelo CONDEPHAAT que foi concluído em 2002, se tornando um patrimônio da cidade de São Paulo.

## 5 | AS INTERVENÇÕES NOS MONUMENTOS

O Monumento às Bandeiras, assim como qualquer outro monumento instalado ao ar livre, está sujeito a qualquer tipo de intempérie, como efeitos da poluição, exposição ao sol e chuva. As depredações e pichações também estão presentes em diversas obras públicas. Estas atitudes não são desejadas, mas fazem parte da dinâmica da cidade, principalmente em São Paulo, onde a pichação está presente na paisagem urbana.

Como acontece com outras obras públicas, hoje o monumento assume novas apropriações e significações. De uma apropriação lúdica, a população criou apelidos para o monumento como *empurra-empurra ou deixa que eu empurro*, por conta do último homem da bandeira, encarregado de mover a canoa. O monumento não é mais visitado pretendendo admirar os bandeirantes ali esculpidos, exaltando as suas ações desbravadoras, mas adquiriu um outro significado, se tornando um dos pontos turísticos da cidade. Os paulistas reconhecem o monumento como um símbolo de um passado digno dos feitos dos bandeirantes e não levam mais o significado pelo qual o monumento foi construído como verdade.

Uma evidência da mudança de significado do monumento foi a pichação que ocorreu na madrugada de 30 de setembro de 2016, por volta das 2h da manhã. É mostrado no SPTV 2ª Edição que pelas câmeras de monitoramento foi registrado um casal puxando um carrinho com um compressor de jato a tinta, pichando com as cores vermelho, amarelo e azul. A ação levou menos de dois minutos. Logo após de picharem o monumento, eles se dirigem para Santo Amaro e picharam a Estátua do Borba Gato com as mesmas cores. Neste mesmo vídeo algumas pessoas são entrevistadas para falar sobre o ocorrido e há relatos de inconformidades como: *“ações deste tipo nos deixam chateados”* e *“é um vandalismo sem sentido algum”*. O filho de Brecheret, Victor Brecheret Filho, também aparece no vídeo mostrando a sua inconformidade. Segundo as suas palavras ele diz: *“não é um protesto, não é uma manifestação política ou uma manifestação contra alguma coisa que não esteja bem na cidade, é simplesmente um ato de vandalismo”*.



Figura 6 - Monumento às Bandeiras amanhece pichado

Fonte: Portal Veja, 2016

Quando paramos para analisar a pichação, vemos que os dois monumentos pichados são representações de bandeirantes. Após picharem o Monumento às Bandeiras, o casal se desloca do Ibirapuera até Santo Amaro para pichar a Estátua do Borba Gato. É percebido uma intenção de ferir a imagem dos bandeirantes e não um simples ato de vandalismo, como a mídia diz. É uma manifestação do desagrado que as bandeiras representam.

Não é a primeira vez que o Monumento às Bandeiras é alvo de protesto. Na noite do dia 2 de outubro de 2013, um grupo de indígenas subiu no monumento contra a aprovação da PEC 215, que passava o poder ao Congresso Nacional de aprovar e demarcar terras tradicionalmente ocupadas pelos índios e a ratificação das demarcações já homologadas. Na manhã seguinte os bandeirantes estavam cobertos com tinta vermelha, simbolizando o sangue que eles derramaram de seu povo.



Figura 7 - Os bandeirantes são cobertos com tinta vermelha

Fonte: Portal Uol Notícias, 2013

Ainda vemos reflexos desta memória heroica bandeirante nos dias de hoje e as lutas que são travadas contra esta memória. É preciso estabelecer uma crítica à essas memórias que são guardadas em nossa cidade, pois elas são agentes de seu tempo. É preciso olhar ao intuito em que são registradas e permanecer um diálogo com os dias atuais. As pichações muitas vezes são realizadas pelo calor do momento e a adrenalina que ela proporciona ao pichador, porém, em muitos outros casos, ela é utilizada como forma de protesto. É uma das formas que a população encontrou para desabafar seus descontentamentos e angústias sobre sua situação atual, sobre a cidade e o governo.

No Pátio da Cruz, com a chegada dos alunos o prédio começa a obter outros significados. Os cursos e as disciplinas começam a crescer, tornando-a em uma das melhores universidades privadas do Brasil. O prédio aonde foi o convento recebeu o nome de Prédio Cardeal Mota (mais conhecido como Prédio Velho) e começa a ser invadido por ideias e ideologias diversas e por mais que a universidade seja católica, há também diversos discursos anticlericais entre os estudantes. O Pátio da Cruz, que já foi um lugar foi de oração, se tornou um local apropriado pelos estudantes para debater, estudar e protestar. Centros acadêmicos entram no Pátio para resolverem suas pautas, partidos políticos fazem reuniões e professores fazem dela uma sala de aula. Para demonstrar esta mudança de significado, trago dois acontecimentos que foram registrados que ocorreram no Pátio da Cruz.

No primeiro semestre de 2017, foram realizadas diversas aulas públicas administradas pela Opera Mundi. Todas elas ocorreram no Pátio da Cruz e abertas para o público onde tiveram debates de diferentes temas. Temas como tornar a cidade de São Paulo mais democrática, a falta de artistas mulheres na história, sobre o livro “conversa de refugiados” de Bertold Brecht lançado no Brasil pela primeira

vez pela Editora 34 e sobre o futuro das universidades e suas crises. Todas estas aulas foram filmadas e estão disponíveis na internet no site da Opera Mundi.



Figura 8 – Aula aberta com Fernando Haddad

Fonte: Portal Opera Mundi, 2017

No dia 23 de fevereiro de 2013, aconteceu um protesto contra a igreja no Pátio da Cruz. O Cardeal Dom Odilo Scheler, atual Grão-chanceler da PUC-SP, realizou uma missa para celebrar a Festa da Cátedra de São Pedro, na capela da universidade. A missa terminou na Capela e se seguiu em procissão para dentro da universidade para encerrá-la no Pátio da Cruz. Na entrada do Prédio Velho, estavam diversos estudantes com esparadrapos na boca erguendo cartazes escrito “Fora Anna Cintra” que era a reitora daquela época. As regras para a escolha do reitor na PUC-SP preveem eleição em que alunos, funcionários e professores votam. Uma lista tríplice segue para o cardeal, que tem a prerrogativa de escolher um dos nomes. Tradicionalmente, o primeiro colocado é o escolhido e na eleição de 2012, Anna Cintra ficou em terceiro lugar no número de votos, com a autorização de Dom Odilo, foi a que tomou o cargo da reitoria. Esta decisão gerou grande revolta na universidade.

A ideia do protesto dos estudantes com o esparadrapo na boca, era para ser um protesto silencioso, fazendo uma alusão de que eles não tinham voz dentro da universidade. Porém muitos outros estudantes que estavam no local e não estavam cientes do protesto, aproveitaram o momento para gritarem suas inconformidades. Muitos gritaram: “Fora igreja”, “Fora Dom Odilo”, “Por uma universidade laica”. Em momento algum, o Cardeal Dom Odilo se intimidou e continuou até o término da cerimônia. Os manifestantes dizem que o ato de Dom Odilo significou quebra de autonomia, já a igreja afirma que o estatuto não foi ferido, uma vez que cabe ao

cardeal a escolha do novo dirigente.



Figura 9 - Cardeal Dom Odilo na PUC-SP e os estudantes em protesto

Fonte: Portal Fratres in Unum, 2013

## 6 | CONCLUSÃO

O Monumento às Bandeiras é visitado constantemente por turistas e moradores da cidade e o Pátio da Cruz é frequentado por professores, estudantes e funcionários. Nestes dois monumentos há uma grande presença de pessoas circulando, sempre carregando novas ideias e olhares para estes patrimônios. A memória que é gravada nelas percorre no imaginário da população, com novos significados e que são transformados com o passar dos anos. O historiador Jacques Le Goff vai dizer:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, 2013, p. 435)

Destes dois patrimônios observamos que foram construídos com diferentes objetivos. O Monumento às Bandeiras foi para ressaltar um passado glorioso, se orgulhar deste passado e ensinar os grandes feitos e o Pátio da Cruz, para rezar e realizar as cerimônias religiosas. Nos dias atuais, com as diversas intervenções observamos que os objetivos não são mais lembrados, recebendo uma nova memória que percorre no imaginário. O Monumento às Bandeiras, se torna um ponto turístico para se passear na cidade e sofre intervenções físicas como a pichação, e o Pátio da Cruz, a intervenção são principalmente os estudantes que se apropriam do espaço para viverem o mundo universitário. São estas intervenções que contribuem para novas (re) significações do patrimônio e para suas novas interpretações.

## REFERÊNCIAS

CAMAROTTI, G. Dom Odilo enfrenta protesto de estudantes na PUC-SP. G1 Política Blog do Camarotti, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/blog-do-camarotti/2013/02/22/dom-odilo-enfrenta-protesto-de-estudantes-na-puc-sp/>>. Acesso em: 21 maio 2018.

CAMPOS, Maria José. **Cassiano Ricardo e o “mito da democracia racial”: uma versão modernista em movimento**. Revista USP, Brasil, n. 68, p. 140-155, fev. 2006. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13489>>. Acesso em: 09 abr. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i68p140-155>.

FILHO, L. L. D. **O “monumento das bandeiras”: um estudo crítico sobre as relações entre espaço, política e cultura**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 71, p. 65-82, 1993.

G1. Câmera registra casal pichando o Monumento às Bandeiras, em SP. G1: o portal de notícias da globo, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/camera-registra-casal-pichando-o-monumento-bandeiras-em-sp.html>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

JESUS, C. G. N. D. **Museu da Cultura PUC-SP: Patrimônio Cultural, História e Memória, olhares distintos a partir da Nova Museologia**, São Paulo, Revista Projeto História. p. 1-24, 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7a edição. Unicamp, 2013.

LORDELO, C. **Alunos da PUC-SP ocupam reitoria em protesto contra escolha de reitora**. Educação Estadão, 2012. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,alunos-da-puc-sp-ocupam-reitoria-em-protesto-contra-escolha-de-reitora,959959>>. Acesso em: 21 maio 2018.

MARINS, Paulo César Garcez. **O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 9-36, jan. 1999. ISSN 1982-0267. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5359>>. Acesso em: 12 abr. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47141999000100002>.

MOURA, I. B. D. **O Monumento e a cidade. A obra de Brecheret na dinâmica urbana**. Revista Cordis, São Paulo, n. 6, p. 78-93, 2011.

REDAÇÃO. **Aula Pública com Fernando Haddad: como as cidades podem ser mais democráticas?** Opera Mundi, 2017. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/geral/47102/aula+publica+com+fernando+haddad+como+as+cidades+podem+ser+mais+democraticas.shtml>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**DENISE PEREIRA** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

**MARISTELA CARNEIRO**- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

### B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

### C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

### E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

## F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

## G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

## H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

## I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições profissionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

## L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

## M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

## P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

## R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

## S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

## T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

## V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-823-6



9 788572 478236